

Conflitos assimétricos: implicações para o planejamento político-estratégico – estudo de casos históricos*

Sergio Luiz Tratz**

O estudo de casos históricos é imprescindível para a identificação das condicionantes e repercussões dos conflitos assimétricos; é conhecimento obrigatório para a elaboração de planejamentos político-estratégicos.

Guerra assimétrica e assimetria

Fazendo uma busca dos termos *Assimetria*, *Conflitos Assimétricos* e *Guerra Assimétrica* na historiografia militar, verifica-se que tais termos são de uso recente. Não há registros no *Dicionário de História Militar e da Arte da Guerra* de André Courvesier,¹ nem há referências no *Compêndio de História Militar* do britânico Richard Holmes.² A *Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX*, organizada pelo professor emérito desta casa, Professor Doutor Francisco Carlos Teixeira da Silva, apresenta um verbete produzido pelo Engenheiro Darc Costa com o título *Guerras Assimétricas*.³

A Guerra Assimétrica seria então um novo tipo de guerra? Uma evolução ou aperfeiçoamento da existente? Ou uma nova roupagem para os tipos de guerra já conhecidos?

Na realidade, não existe um consenso sobre a tipologia das guerras; mesmo o fenômeno social guerra encontra um amplo espectro de definições, variando conforme a formação filosófica, ideológica e cultural, o momento histórico vivido e fatores de ordem moral e ética relativos à finalidade da guerra considerada.

O conceito de assimetria surgiu pela primeira vez nas publicações conjuntas das Forças Armadas norte-americanas em 1995,⁴ e, a partir daí, o tema começou a ser difundido e vem sendo desenvolvido até os dias atuais.⁵ O uso indiscriminado do termo assimetria tem distorcido o seu conceito original e gerado certa confusão em seu significado.

* Conferência apresentada no V Encontro Nacional de Estudos Estratégicos, ECEME, Rio de Janeiro – 2005

** O autor é instrutor da ECEME.

¹ CORVISIER, André; TURNER, Chis; CHILDS, John Charles Roger. *Dictionary of Military History and Art of War*. EUA: Blackwell Publishers; 1994. A referida obra possui sua primeira edição em 1988, em língua francesa e uma edição norte-americana cuja obra foi expandida em 1994.

² HOLMES, Richard. *The Oxford Companion to Military History*. Oxford University Press.

³ COSTA, Darc. *Guerras Assimétricas*. In SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p. 64.

⁴ METZ, Steven, "Assimetria Estratégica". In: *Military Review*, Spanish Edition, Mayo-Junio 2002.

⁵ MILITARYREVIEW, Edição Brasileira, 1º Trim, 2004. Nesta publicação da *Military Review* a temática foi Guerras Assimétricas.

Em linhas gerais, a assimetria é o emprego de alguma diferença para obter vantagens sobre o inimigo. Em um conflito, a assimetria poderá ser encontrada nos níveis político-estratégico, estratégico-operacional e operacional (ou tático). O planejador do mais alto escalão deve ter conhecimento da existência de assimetria nos outros níveis para entender as implicações que poderão advir no nível político-estratégico.

O Engenheiro Darc Costa assim classifica as assimetrias estratégicas: de poder econômico e financeiro, capacidade bélica, estruturação organizacional, objetivação, resultados e comportamental.

Em termos militares, a classificação do Dr. Steven Metz apresenta como formas relevantes de assimetria: os métodos, as tecnologias, a força de vontade, a organização e a de paciência ou de perspectivas de tempo.⁶

O dia 11 de setembro de 2001 tornou-se *marca registrada* de um novo tipo de assimetria – a de atores –, onde não há o confronto somente de Estados, mas a participação direta de grupos autônomos e indivíduos num conflito. Este tipo de assimetria possui amplitude global, apóia-se em modernos recursos técnicos e utiliza como principal ferramenta o *novo terrorismo*, uma verdadeira *guerra sem limites*.

Desta forma, o termo conflito assimétrico pode ser definido como *a guerra do fraco contra o forte*, tema amplamente discutido pelos mais conhecidos formuladores do pensamento e da estratégia militar, tais quais Sun Tzu, Beaufre e Clausewitz. As aplicações práticas destes conceitos encontram-se registrados pela história militar desde o artifício utilizado por Aníbal para

evitar a invasão de Cartago pelos romanos até a atual guerra que se desenvolve no Iraque.

Estudo de casos históricos

Este trabalho abordará especificamente três casos históricos:

- A Guerra Brasílica, ocorrida no Nordeste brasileiro do século XVII.
- A Guerra do Vietnã, na década de 1960 e início da de 1970.
- A Guerra do Afeganistão, na década de 1980.

Guerra Brasílica (1624-54)

*"(...) em poucos dias se experimentou a manifestada utilidade deste esquisito modo de guerra, no estrago e temor dos holandeses."*⁷

José de Mirales

Área de conflito: Nordeste do Brasil (século XVII), o ambiente operacional restringiu-se à região litorânea, em um terreno de vegetação exuberante e ligações precárias entre as localidades.

Protagonistas: Províncias Unidas dos Países Baixos (Holanda),⁸ Espanha, Portugal⁹ e moradores do Brasil Colônia.

Tipo de Assimetria: de poder econômico, militar¹⁰ e tecnológico; e de organização militar.

Forma de contrapor à assimetria: guerra de guerrilha conduzida pelas companhias de emboscadas e pelo emprego de técnicas e táticas autóctones de combate (assimetria de método); aplicação da assimetria de força de vontade, de paciência ou de perspectivas de tempo.

⁶ METZ, Steven. *Assimetria...* Op. Cit. p. 67-68.

⁷ MIRALES, José de. *História Militar do Brasil*. In: Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro: Leuzinger, v. XXII, 1900, p. 36.

⁸ MALAND, David. *Europe in the Seventeenth Century*. London: Macmillan, 1967. p.182-206. As Províncias Unidas são costumeiramente chamadas pelo nome de Holanda, sua província de maior destaque.

⁹ Portugal encontrava-se unida à Espanha Filipina de 1580 a 1640 e atraiu os inimigos do trono espanhol, no caso as Províncias Unidas. A partir de 1640, com a restauração portuguesa, a Espanha não mais participa do conflito.

No início do século XVII, a Holanda vivia o que Geoffrey Parker intitulou *Military Revolution*,¹¹ que pode ser traduzido por Revolução em Assuntos Militares (RAM). Os flamengos possuíam doutrina militar própria (os batalhões nassovianos), uma das melhores escolas militares da Europa, e experiência de combate nas Guerras de Flandres e na Guerra dos Trinta Anos. Se comparados aos recursos bélicos existentes para a defesa do Brasil, os holandeses possuíam armamentos mais modernos, em qualidade e quantidade (assimetria de capacidade bélica e tecnológica); sendo que a Holanda era considerada a maior potência marítima até a metade do século XVII (assimetria de Poder Naval).

O conflito se caracterizou pela disputa pelas fontes produtoras, transporte e distribuição do açúcar, ou seja, uma guerra de interesses estritamente econômicos. Para atingir seus objetivos, os holandeses fundaram a Companhia das Índias Ocidentais (WIC),¹² uma empresa comercial que contava com estrutura militar e suporte do Estado (assimetria de estrutura organizacional).

O sistema de defesa da colônia não possuía grande efetivo de tropas pagas, a estrutura de defesa utilizava-se da população organizada em milícias, as Companhias de Ordenan-

ças,¹³ uma tradição portuguesa que empregava um princípio da *nação em armas*. Cabe salientar que o Alvará das Armas de 1569 tornava obrigatório aos homens livres a posse de armas de fogo e armas brancas.¹⁴

Portanto, uma ação militar de maior vulto não poderia ser combatida simetricamente na colônia; a estratégia portuguesa para a defesa consistia, inicialmente, em proteger os portos marítimos com as tropas pagas e, caso não fosse possível, impedir a interiorização até o envio de reforços pela metrópole para a execução de uma ação direta. Considerando as Companhias de Ordenanças e o Alvará das Armas, havia uma estrutura militar mínima, fruto de um planejamento político-estratégico da metrópole, que permitia a organização da resistência nas capitâncias invadidas.

Na invasão da Bahia (1624-25), esta estratégia foi empregada com sucesso, evidenciando-se o uso das táticas de guerrilha (assimetria de método), caracterizada pelas *companhias de emboscadas*.¹⁵ O cronista inglês Cuthberg Pudsey, que participou da invasão, registrou que “no começo, esta guerra do mato era algo estranha para nossos homens, devido às emboscadas que o inimigo propositadamente nos armava nas matas, invenção assassina que nos matava muitos soldados”.¹⁶

¹⁰ MALAND, David. *Europe in ...* Op. Cit. p. 182-206. Províncias Unidas constituíram o maior poder naval na primeira metade do século XVII.

¹¹ PARKER, Geoffrey. *Military Revolution*.

¹² LAET, Joannes de. *História dos Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais desde o seu começo até o fim do anno de 1636*. Rio de Janeiro: Oficinas Graphicas da Bibliotheca Nacional, 1916.

¹³ SELVAGEM, Carlos. *Portugal Militar*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1931, p. 325. Regulada pelo Regimento de Ordenanças de 1570.

¹⁴ Alvará das Armas, 1569. In: MENDONÇA, Marcos Carneiro de. *Raízes da Formação Administrativa do Brasil*. t. 1. Rio de Janeiro: Gráfica Carioca, 1972, p. 145-151.

¹⁵ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. *História Geral do Brasil Antes de sua Separação e Independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos, t. 2. 3. ed. p. 234. Na Bahia, ao todo, lutaram contra o invasor 27 companhias de emboscadas, idealizadas pelo Bispo de Salvador D. Marcos Teixeira.

¹⁶ PUDSEY, Cuthberg. In: MEILLO, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada: Guerra e Açúcar no Nordeste, 1630-1654*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998, p. 361. Reação da soldadesca neerlandesa registrada pelo mercenário inglês Cuthberg Pudsey, a serviço da Companhia das Índias Ocidentais.

Na resistência aos holandeses em Pernambuco (1630-54) podem ser caracterizadas duas fases distintas do ponto de vista estratégico-militar: uma *fase de guerra de guerrilhas* e outra *fase da guerra insurrecional*, onde foram empregadas táticas heterodoxas de combate direto.¹⁷

A *fase das guerrilhas* estendeu-se de 1630 a 1644, e, a exemplo da Bahia, o Governador Mathias de Albuquerque empregou o artifício das *companhias de emboscadas*. As tropas de resistência eram constituídas pelos colonos portugueses e pelos naturais da terra, os quais possuíam um profundo conhecimento do terreno e utilizavam técnicas e táticas aborígenes de combate.¹⁸ A *guerra brasílica* de Mathias de Albuquerque não respeitava as regras da arte militar, exagerando na crueldade e não dando quartel aos prisioneiros.

A fórmula de combate dos trópicos era tão eficaz que os holandeses procuraram adaptar-se a elas, cooptando nativos conhecedores das técnicas de combate e da área de operações, o que pode ser verificado no aliciamento de Calabar e nas alianças com os índios tapuias.

D. Luis de Rojas y Borja, veterano das Guerras de Flandres, enviado pelo Governo espanhol para fazer frente aos holandeses, não compreendeu o estilo de combate brasílico e teria exclamado, indignado, que “não era macaco para andar pelo mato”.¹⁹ Sua opção por combater os flamengos de forma simétrica custou-lhe a própria vida na batalha de Mata Redonda, bem como de quase toda sua tropa. Após o fracasso de D. Luis, o Conde de Bagnuolo, italiano que assumiu o comando de tropas luso-espanholas, “rendeu-se às evidências e evitou o

combate direto ao inimigo, adotando a tática de esquivar-se ao choque frontal”.²⁰

Na *fase da guerra insurrecional*, a partir de 1644, as emboscadas permaneceram ativas, porém, muitos de seus combatentes também participaram de combates regulares, com destaque para as batalhas do Monte das Tabocas e as dos Montes Guararapes. Nestas ações, típicas de exército constituído, foi empregada uma doutrina militar adaptada às táticas heterodoxas de combate direto, ao estilo da Guerra Brasílica (assimetria de método). As tropas locais²¹ eram mais ligeiras e ágeis em relação às formações rígidas do Exército holandês, transmitindo ao inimigo a imagem de tropas cruéis e temíveis, hábeis na perseguição e na degola.

Durante a Insurreição Pernambucana, a metrópole teve um duplo papel, por um lado atuava o diplomático, de assinar uma trégua de dez anos com os holandeses e, por outro, o de apoiar veladamente aos insurretos através do Governador-geral Antônio Teles da Silva. São exemplos desse apoio as articulações com as lideranças locais realizadas por André Vidal de Negreiros, o envio de Antônio Dias Cardoso a Pernambuco com quarenta soldados de linha, “todos destros na milícia e capazes de serem oficiais na guerra e governar companhias”,²² e o envio dos terços de Filipe Camarão e Henrique Dias para negar aos holandeses o uso dos recursos econômicos. Neste caso, a queima de canaviais visava causar prejuízos à Companhia das Índias Ocidentais, inviabilizando-a economicamente a manter a invasão.

Cabe ressaltar como aspectos motivadores (assimetria de força de vontade) para o conflito perdurar no tempo em uma guerra prolon-

¹⁷ WEHLING, Arno. “Padrões Europeus e Conflitos Coloniais: A Questão da Guerra Brasílica”. *Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil*, Rio de Janeiro n. 84, 1998. p. 112.

¹⁸ WEHLING, Arno. “Padrões Europeus...” Op. Cit. p. 114-115.

¹⁹ MELLO, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada...* p. 360.

²⁰ WEHLING, Arno. “Padrões Europeus...” Op. Cit. p. 112.

²¹ *Ibidem*, p. 119. As tropas eram compostas por portugueses, brasileiros, tapuias, negros e mamelucos.

²² VARNHAGEN, Francisco Adolpho de (Visconde de Porto Seguro). *História Geral*. Op. Cit. p. 197.

gada de 24 anos (assimetria de tempo) as diferenças religiosas (católicos x calvinistas) e as incompatibilidades culturais dos europeus nórdicos, predominantemente urbanos, com as características dos colonos americanizados, de origem mediterrânea e hábitos rurais.

Guerra do Vietnã (1963-75)

“A luta do Vietnã demonstrou como um oponente fraco mas obstinado pode enfrentar e contrapor-se à tecnologia e ao poder militar norte-americano.

A lição pode ser aplicada por praticamente qualquer país invadido por forças estrangeiras.”

Bevin Alexander²³

Área de conflito: Sudeste da Ásia, ambiente operacional caracterizado por florestas tropicais, áreas montanhosas e com poucas vias de circulação.

Protagonistas: Estados Unidos, Exército sul-vietnamita, Vietnã do Norte e guerrilheiros vietcongs (Frente de Libertação Nacional). Em menor escala, tropas da Austrália, Nova Zelândia, Filipinas e Coréia do Sul. União Soviética e China como fornecedores de armas para o Exército norte-vietnamita (ENV) e para os vietcongs.

Tipo de Assimetria: de poder econômico, militar e tecnológico a favor dos EUA, uma capacidade bélica sem níveis de comparação.

Forma de contrapor à assimetria: utilização da estratégia indireta pelo Vietnã do Norte, empregando os métodos preconizados pelo General Giap²⁴ para a guerra de guerrilha (assimetria de método ou manobra); aquisição de suporte tecnológico e bélico da China e da União Soviética; aplicação da assimetria de força de vontade, de paciência ou de perspectivas de tempo.

Forças Envolvidas: (ver tabela abaixo)

A historiografia do conflito do Vietnã é muito vasta e rica de detalhes, pois este foi o primeiro conflito com transmissão televisiva, na qual a mídia teve um papel muito importante. Os Estados Unidos venceram as principais batalhas, mas perderam a guerra. Por quê?

A avaliação dos efetivos empregados e das perdas em campanha aponta para um relativo sucesso dos EUA. Na realidade, o Exército norte-americano contabilizava as baixas vietcongues com a ilusão de que uma guerra de atrito esgotaria o inimigo e o forçaria a desistir. Entretanto, Ho Chi Min, Giap e outros dirigentes estavam preparados para perder dez soldados para cada norte-americano, convictos que o povo ianque não agüentaria a relação de perdas indefinidamente. A guerra de atrito funcionou contra os Estados Unidos.

A opção pelo emprego da *guerra lenta* implica a longa duração do conflito (neste caso, 12 anos) e na perda de muitas vidas humanas

Partidos	Efetivo empregado	Baixas
Estados Unidos	2.300.000 homens serviram no Vietnã de 1961 a 1974	46.370 mortos 300.000 feridos
Vietnã do Sul	1.048.000 homens	184.000 mortos
Vietnã do Norte e vietcongues	2.000.000 homens	900.000 mortos

²³ ALEXANDER, Bevin. *A Guerra do Futuro*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1998. p. 149.

²⁴ CORVISIER, André. *Dictionary of...* Op. Cit. p. 312-313. Vo Nguyen Giap (1912-) foi um general vietminh na luta com os franceses durante a Guerra da Indochina, onde adaptou os ensinamentos de Sun Tzu e de Mao Tsé-tung. Suas soluções, empregando a estratégia indireta, foram eficazes e atingiram o objetivo de retirada da França da Indochina. Giap empregou o mesmo sistema contra os norte-americanos na Guerra do Vietnã.

(neste caso, 45% do efetivo empregado), um verdadeiro “tributo de sangue” para a nação.

Tomando o ponto de vista da estratégia militar, do grande efetivo empregado pelos norte-americanos e pelo ESV, cerca de 50% permaneciam em posições estáticas protegendo instalações e eixos de comunicação, outra parte exercia funções logísticas, implicando que não era possível colocar em combate um efetivo maior que o de vietcongues, cujas forças se aproximavam a um quarto da de seus oponentes.²⁵ Este fato deu-se pelas características da estratégia indireta e das táticas empregadas pelo Vietnã do Norte, baseadas nos princípios estabelecidos por Vo Nguyen Giap: “O inimigo é forte? Evite-o. É fraco? Ataque-o. Ao seu equipamento moderno, opõe-se um heroísmo sem limites para vencer pelo cansaço ou por operações militares combinadas com ações políticas e econômicas. Não há uma linha fixa demarcada, a frente é onde o inimigo for encontrado.”

Em sua estratégia militar, Giap diluiu seus efetivos no meio da população, evitando a localização de suas unidades, ao mesmo tempo em que utilizava sua população como escudo humano. Conseqüentemente, houve bombardeiros que causaram grande número de mortes entre civis, tudo aproveitado como material de propaganda contra os EUA.²⁶

Essas características da guerra irregular, em especial a guerra de guerrilha, de pleno domínio do combatente vietcongue, experimentado na Guerra da Indochina, não eram bem compreendidas pela cultura ocidental. Um bom

exemplo são as palavras do Tenente-coronel John Paul Vann e de outros assessores norte-americanos que insistiam em varrer os vietcongues “se eles ao menos se levantassem e lutassem”.²⁷

A Ofensiva do Tet, desencadeada sob o comando de Giap, foi uma tentativa de realizar um golpe relâmpago e imediato buscando uma ação decisiva, similar ao que representou Dien Bien Phu na Guerra da Indochina. O Exército regular norte-vietnamita e a força de guerrilha vietcongue foram empregados contabilizando 84 mil homens para atacar simultaneamente 5 grandes cidades, 36 capitais de província, 64 capitais de distrito e 50 aldeias. Os norte-americanos e o ESV reagiram rápido, recuperando a capital e as cidades importantes em uma semana. Num desastre tático, 40 mil vietcongues foram mortos ou feridos, destruindo uma infraestrutura cuidadosamente organizada e preservada durante 14 anos.

Essa tentativa de combater em simetria contra uma força comprovadamente superior mostrou-se inviável. Entretanto, se a Ofensiva do Tet não foi eficaz na mobilização de um levante popular, tornou explícita a capacidade operacional e militar dos norte-vietnamitas. Outra repercussão da Ofensiva do Tet foi no estado de espírito do Exército norte-americano, que alcançara razoável sucesso moral e militar de 1966 a 1968, e a partir daí entrou numa fase de recuos, desilusões e desintegração. Em verdade, se a guerra de guerrilha não pode derrotar uma força convencional, pode criar um impasse militar que, ao final, conduz a um acordo político.

²⁵ ALEXANDER, Bevin. *A Guerra do...* Op. Cit. p. 172. Em 1968, os EUA possuíam 540 mil soldados no Vietnã, dos quais 80 mil eram combatentes.

²⁶ As forças norte-americanas consumiram quase 15 milhões de toneladas de munição durante a Guerra do Vietnã, duas vezes o total usado pelos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. O uso indiscriminado de explosivos, aliado à dificuldade de identificação dos oponentes que se misturavam à população, ocasionou milhares de civis mortos ou feridos. À medida que aumentava a frustração frente aos vietcongs, qualquer vilarejo em que ocorresse um disparo ou que estivesse sob suspeita poderia ser arrasado. O massacre de May Lai foi um exemplo de abusos amplamente divulgados pela mídia internacional. SILVA, Carlos L. B. da. In SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *Enciclopédia de ...* Op. Cit. p. 409-412.

²⁷ ALEXANDER, Bevin. *A Guerra do ...* Op. Cit. p. 165.

Um aspecto fundamental para o sucesso do ENV no conflito foi o apoio da União Soviética e da China no fornecimento de armas, munições e equipamentos militares; sendo que a fronteira física com a China favoreceu este apoio. Além do mais, o Vietnã do Norte não possuía recursos internos para sustentar o esforço de guerra e a infra-estrutura nacional estava seriamente danificada pela Operação Rolling Thunder, que foi um sistemático bombardeio estratégico realizado pelos EUA de 1965 a 1968.

A opção por uma guerra de usura implica obter recursos materiais, não necessariamente em território próprio, mas por uma política de alianças. Há necessidade de que toda a nação esteja envolvida no esforço de guerra, pois o território fora da zona de combate certamente será atingido pela campanha aeroestratégica adversária.

No que diz respeito à logística militar, os norte-vietnamitas organizaram uma estrutura baseada no emprego de recursos locais, movimentando os suprimentos complementares pela trilha Ho Chi Min, localizada no território de países limítrofes; esta manobra foi concebida para desviar o sistema defensivo norte-americano (Linha MacNamara). A identificação deste artifício e a tentativa de sua neutralização com bombardeios estenderam o conflito ao Camboja e o Laos.

O fato de a União Soviética e de a China serem potências nucleares e fazerem parte do Conselho de Segurança da ONU, com direito a veto, restringiu a *liberdade de ação*²⁸ dos Estados Unidos. Receando uma intervenção chinesa, tal qual ocorrera na Coreia (Vale do Rio Yalu), o Presidente Lyndon Johnson não permitiu a invasão do Vietnã do Norte, criando *santuários*

para as tropas vietcongs.²⁹ Da mesma forma, Johnson não permitiu a intervenção direta no Laos ou no Camboja, receando ser denominado de neocolonialista pela comunidade internacional. Nixon não seguiu exatamente pelo mesmo caminho, invadindo o Camboja em 1970.

“No Vietnã, os dirigentes norte-americanos impuseram pesos políticos que tornaram impossível às Forças Armadas travar as batalhas e realizar as campanhas necessárias para a vitória. Os políticos deveriam tornar claras as verdadeiras finalidades de um conflito para que os militares pudessem avaliar se seria possível satisfazê-las dentro de um quadro de limitações impostas. Quando não possível, deveriam mudar os objetivos ou simplesmente desistir. Mas é duvidoso que os políticos possam ser honestos, principalmente se altas questões políticas estiverem em jogo.

*Além disso, não se pode confiar que os chefes militares sejam mais objetivos que os líderes políticos. A triste verdade sobre o Vietnã é que a autoconfiante cúpula militar da nação era vítima consentida dos desejos políticos. Não estudou suficientemente as condições impostas pelos dirigentes civis para concluir que a guerra era invencível.”*³⁰

Os Estados Unidos não conseguiram conquistar o apoio da população vietnamita nem da norte-americana, perdendo a chamada *luta pelos corações e mentes*. Para o líder do Bloco Ocidental restou o trauma de uma guerra que não contou com o apoio de seu povo e arranhou o seu orgulho de potência militar.

*“Uma lição séria: se os dirigentes políticos e militares falharem no exame da realidade, podem surgir outros Vietnãs.”*³¹

Bevin Alexander

²⁸ BEAUFRE, André. *Introdução à Estratégia*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1998. p. 122-123.

²⁹ Embora não tenha poupado o território de bombardeiros.

³⁰ ALEXANDER, Bevin. *A Guerra do...* Op. Cit. p. 41.

³¹ *Ibidem*, p. 42.

Guerra do Afeganistão (1979-89)

Área de conflito: Ásia Central, ambiente operacional com terreno montanhoso e de difícil acesso, o que torna menos efetivo e restrito o emprego de meios bélicos convencionais, como viaturas blindadas e helicópteros.

Protagonistas: União Soviética (URSS), Exército do Afeganistão e guerrilheiros mujahedin. Estados Unidos, China, Paquistão e alguns países árabes com apoio material e financeiro à guerrilha.

Tipo de Assimetria: de poder econômico, militar e tecnológico.

Forma de contrapor a assimetria: guerra irregular conduzida pelos guerrilheiros mujahedins (assimetria de métodos); apoio financeiro e material de chineses, norte-americanos, paquistaneses e outros países; aplicação da assimetria de força de vontade (motivação religiosa), de paciência ou de perspectivas de tempo.

A historiografia da intervenção soviética no Afeganistão não é tão vasta como a da Guerra do Vietnã, mas pode ser tão instrutiva como tal. Por que os soviéticos invadiram o Afeganistão?³² Em plena Guerra Fria, o Afeganistão constituía uma região de importância estratégica para a URSS e os EUA. A instabilidade política e o mau exemplo de uma revolta de natureza religiosa islâmica, nos limites da URSS, incentivaram as ações do Governo soviético.

A intervenção armada foi desencadeada para apoiar um golpe de Estado e manter um governo pró-soviético. Naquele momento, a URSS considerava ter *liberdade de ação* para executar uma *ação independente*, pois o seu grande adversário, os EUA, sofria da paralisia pós-Vietnã e o governo Carter não havia tomado providências em face da concentração de tropas na fronteira afegã.

No cenário internacional, os interesses eram diversos: os EUA não aceitavam a invasão de um

país tão próximo às reservas de petróleo do Golfo Pérsico; os iranianos e árabes condenavam a intervenção de um país ateu em outro muçulmano; o Paquistão via a ameaça de perder parte de seu território; e a China não via com bons olhos a presença soviética nesta parte de sua faixa de fronteira. Um grande número de países estrangeiros ajudou a sustentar a resistência mujahedin com apoio financeiro, material e em treinamento.

Novamente surge a importância da atividade diplomática e da política de alianças para a obtenção de recursos necessários ao esforço de guerra, neste caso em especial que todo o território foi ocupado e não existe base nacional. Entra em cena a questão da *guerra justa*, também preconizada por Giap nas guerras do Vietnã e da Indochina, neste caso contra um país que intervém nas questões internas de outro sem um mandato da ONU.

A princípio, a URSS pretendia realizar uma ocupação em massa, empregando suas forças apenas para controlar áreas urbanas e linhas de comunicação; o Exército afegão estaria, assim, respaldado para combater os rebeldes. Entretanto, as atividades dos guerrilheiros mujahedins impuseram às forças militares do Afeganistão seguidos reveses, implicando desmoralização e deserções em massa. Os soviéticos viram-se obrigados a empregar suas tropas no combate aos guerrilheiros, isto é, houve falha na avaliação estratégica.

Os dez anos de resistência (assimetria de manobra e de tempo) mantiveram em atividade o protesto da comunidade internacional, que culminou na condenação da intervenção em sessão da Assembléia Geral da ONU, uma atitude extremamente negativa e desgastante para a URSS.

As maiores represálias no campo internacional foram capitaneadas pelos norte-americanos: apoio militar aos guerrilheiros mujahedins; boicote às Olimpíadas de Moscou; redução na

³² BAUMANN, Robert F. "Russian-Soviet Unconventional Wars in the Caucasus, Central Asia, and Afghanistan". *Leavenworth papers*, no. 20.

remessa de cereais à URSS; congelamento do Plano SALT; aproximação das relações dos Estados Unidos com o Paquistão e a China; e a ampliação das forças militares nas áreas de interesse e influência da URSS.³³

Inicialmente, a ação das tropas soviéticas foi eficaz, com militares bem adestrados e empregando as vantagens tecnológicas da aeromobidade e do apoio de fogo aéreo. Contudo, o poder aéreo (extremamente assimétrico) foi neutralizado com o fornecimento dos mísseis Blowpipes (britânico) e Stingers (norte-americano) à guerrilha afegã. As aeronaves foram obrigadas a operar a grande altitude, reduzindo a eficácia, e os helicópteros ficaram extremamente vulneráveis nas montanhas.

As fronteiras físicas com o Paquistão e com o Irã facilitaram o apoio externo e o homizio da guerrilha nesses territórios. Houve tentativa de isolar o apoio e a movimentação de efetivos provenientes do Paquistão, porém os soviéticos não obtiveram maior sucesso que os EUA no Vietnã em fechar a trilha Ho Chi Min. A URSS também não pôde estender o conflito aos países limítrofes, eliminando os *santuários*, pois sua *liberdade de ação* estava bastante reduzida devido à pressão internacional.

Outra avaliação equivocada dos soviéticos foi a vontade nacional do povo afegão, na verdade um grande complexo de tribos rivais. O principal fator de motivação da resistência foi a religiosidade, incentivada pela decretação da *jihad* pelos líderes islâmicos, isto é, a guerra santa contra os invasores ateus.

A tentativa soviética de conquistar o apoio da população com empreendimentos governa-

mentais não surtiu efeito, pois o povo manteve a simpatia e o apoio ao movimento de resistência. Os projetos de modernização do país e os membros do governo tornaram-se alvos da guerrilha mujahedin, realizando atos de terrorismo.

O país foi profundamente afetado pelos ataques soviéticos e pelas ações da guerrilha, aldeias foram destruídas, grande parcela da população civil morreu³⁴ ou saiu do país pelas fronteiras com o Paquistão e o Irã.

Em 1989, diante da pressão internacional e da impossibilidade de eliminação da guerrilha mujahedin, Gorbachev costurou um acordo com os Estados Unidos e o Paquistão, conseguindo retirar as tropas soviéticas do Afeganistão.

Algumas reflexões

Em um artigo da *Military Review*, o congressista Ike Skelton afirma acreditar “que o conceito de guerra assimétrica não é nada novo”,³⁵ estas palavras refletem a atenção dos Estados Unidos da América, maior potência econômica e militar do planeta, com o que se convencionou chamar de guerra assimétrica.

O motivo de tal atenção pode ser verificado nos três casos históricos apresentados neste artigo, onde a vitória ficou com o lado mais fraco. Entretanto, nem sempre isto ocorre, mas, quando ocorre, o custo pode ser bastante elevado, não em termos financeiros, mas em vidas humanas, estrutura física e desenvolvimento da nação que é palco do conflito.

Alguns fatores observados nos exemplos históricos podem ser considerados como críticos no sucesso do partido fraco contra o forte:

³³ HAMMOND, T. *Bandeira Vermelha no Afeganistão*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1987. Criação de uma Força de Desdobramento Rápido, aquisição de novas bases militares em Omã, Quênia e Somália; ampliação das Forças Navais no Oceano Índico; instalação de novos mísseis na Europa Ocidental.

³⁴ BAUMANN, Robert F. *Russian-Soviet... Op. Cit.*, p.136. Até 1987, estima-se que 9% da população afegã havia sido morta durante o conflito.

³⁵ SELKTON, Ike (Congressista). “As Guerras da América: Lições para Conflitos Assimétricos”. In: *Military Review*, Portuguese Edition, 4º Trim, 2002. Disponível em www.leavenworth.army.mil.

- a área de operações, de forma geral, só é favorável ao lado fraco se restringir o emprego do poder militar adversário e constituir um habitat natural para quem emprega a guerra não-convencional;

- o apoio de uma ou mais nações, com peso no cenário internacional, atua como suporte na defesa da causa nos foros internacionais, pois impõe restrição da *liberdade de ação* do partido mais forte e é capaz de suprir o *gap* tecnológico e em material de emprego militar;

- o bom relacionamento e a simpatia dos países vizinhos, permitindo as áreas de homi-zio ou *santuários*;

- a motivação e os fatores de aglutinação em torno da resistência ou da guerra lenta, principalmente se adotado o princípio da guerra justa;

- o condicionante tempo é fundamental e está estritamente relacionado com a motivação dos partidos beligerantes, pois, se a longa duração do conflito é um artifício para as forças não-convencionais atingirem seus objetivos, a força de vontade dos combatentes e o apoio da população necessitam ser preservados em uma guerra de atrito e de desgaste;

- em termos culturais, a incompreensão do que significa a guerra assimétrica beneficia o partido mais fraco, pois este possui plena consciência de como atuará;

- combater simetricamente o mais forte é inviável, sendo que a criatividade e a adaptabilidade são fundamentais no combate assimétrico,

pois somente as soluções inovadoras surtem o efeito desejado.

Nos três casos históricos, os possuidores de maior poder utilizaram a Estratégia Direta para fazer valer a vantagem de seus recursos, buscando uma guerra rápida, sem muito desgaste. Certamente, a avaliação político-estratégica de empregar os meios militares que resultem em uma guerra assimétrica devem avaliar os riscos que dela advém: guerra prolongada, desgaste de vidas humanas (militares e civis) e risco de escalada do conflito no plano regional ou mundial.

Quem enfrenta um poder superior deve pesar os riscos de seu desafio, se a solução diplomática não for viável, a opção por uma *guerra lenta* cobrará o *tributo de sangue* para a sobrevivência do Estado Soberano. Cabe ressaltar que a decisão de empregar a guerra não-convencional e seus artifícios, em termos militares, resulta num planejamento centralizado e na execução descentralizada, implicando risco de perda do controle total dos meios empregados, pois a iniciativa e a oportunidade são alguns dos princípios deste tipo de operação.

Finalmente, deve-se ter em mente que, ao término de um Conflito Assimétrico, a vitória será mais política do que militar.

“A guerra é de vital importância para um Estado; é um assunto de vida ou morte; o caminho da sobrevivência ou da ruína; por isso, é imperativo que ela seja perfeitamente estudada.”

Sun Tzu 